

Narlan Matos  
**NARCISO SELVAGEM**

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2022

## ode ao meu país

*para Yannik*

meu país nasce de repente assim  
do verde sumo de meu jardim  
das plantas deitadas na terra escura  
fecundada pela chuva em mim  
nasce de repente como sua bandeira  
cheia de romances e ternuras — trigueira  
por cima de tratados geográficos  
por cima de países paralelos  
niilista e doce como um marmelo  
sinto tanta falta de meu país  
onde não há nada mais belo!  
aqui não cantam juritis e sabiás  
estou no Hemisfério Norte  
muito perto da aurora boreal  
muito perto do farol da Nova Escócia  
mesmo tudo sendo manhã  
nesta clara manhã da Virgínia  
há uma noite pousada sobre mim  
feito um pássaro preto dissonante  
pousado sobre meu ombro esquerdo  
mesmo aqui na Chesapeake Bay  
com suas meigas marolas calmas

— de que adianta este farol  
se ele não me ilumina?  
ao menos sou um deus cego  
que pode ver o céu acima  
estou calado como a Grécia ao sol  
e cada folha verde lenta que cai  
neste impecável e belo outono  
é uma lágrima que choro por ti, meu país  
choro tuas ruelas pútridas impossíveis  
tuas cercas embandeiradas separando quintais  
as crianças famélicas sem nome  
no Shenandoah no Potomac no Mississippi  
nestes rios tão distantes ainda busco  
os meus rios daqueles dias felizes  
eu menino na fazenda de meu pai  
boiando nas águas serenas e negras  
no rio Preto olhando a abóbada celestial  
e as altas copas da Floresta Atlântica  
onde brincavam serafins querubins  
com bandos de micos-leões-de-cara-dourada  
a fragrância selvagem da natureza virgem  
adentrando as narinas e inventando a alma  
e as jiboias subiam lentas e pacientes  
nos grossos cipós para falarem com Deus  
e Ártemis dançava ao meu redor sorrindo  
ah, rios que perdi para sempre, perdi perdizes  
ah, quanta gente sucumbia na deslumbrante  
Lagoa da Alegria e pescávamos acarás  
e outros peixes magros que comíamos  
contritos e famintos e contentes  
como se fôssemos reis magos dos Orientes

à margem em fogueiras rupestres  
e onde pela primeira vez vi um enorme  
e belo pássaro preto que na verdade era azul  
na copa de uma árvore muito alta  
e ele era azul como o anil nos céus do Brasil  
aos 15 anos de idade meu pai me levou  
a conhecer as cidades históricas de Minas Gerais  
ah, aqueles tempos bons de nunca mais!  
mas além das cidades eu vi tudo: via o gado  
via o leite via os currais a Via Láctea  
vi as ladeiras da Inconfidência Mineira  
e aprendi que o viajante se faz na viagem  
vimos Ouro Preto Sabará e Mariana  
e eu numa saga de descobrir qual era  
a casa de Tomás Antônio Gonzaga  
desiludido tirei uma foto ao léu com a casa  
mais bela que julguei atrás de mim  
e décadas depois fiquei sabendo que aquela  
fora de fato a casa onde o poeta morara!  
em Ouro Preto meu pai me levou para ver  
o consultório de Joaquim José  
da Silva Xavier, o Tiradentes  
e depois naquelas igrejas rococós  
as celestiais obras do homem que  
esculpia até sem suas próprias mãos:  
o Aleijadinho, o divino arquiteto na Terra

saudades daquela terra vermelha de meu país  
daquele barro negro e pegajoso  
— era esse o espelho em que eu me via  
eu menino brincando de moldar bonecos

e a vida naquelas velhas olarias  
fábricas abandonadas nas mãos do vento  
o subúrbio operário os pastos abertos  
e quem diria que aquele menino de província  
o destino para tão longe levaria?  
ah, o destino era um peão atirado na terra  
girando no chão de barro preto  
— como meu filho agora brinca no quintal  
a molecada gritando e vagabundando  
por entre aqueles coloridos varais  
— e onde está tudo agora? onde? —  
onde roubávamos frutas-do-conde  
pinhas arazás mamões vermelhos auroras  
e à noite fazíamos serenatas sob os véus  
brancos daqueles luares perdidos  
saudades eternas daquelas meninas  
dos carros de bois onde eu passeava  
na infância... e um velho negro  
com porte de rei me ensinava a vida  
me ensinava tanto do que não sei  
ah, como eu queria agora voltar  
para onde já não se volta  
como eu queria retornar àquele belo  
e antigo peitoril de fazenda e gritar:  
não há nenhum estado que valha o Brasil!  
um dia viajando de ônibus pelo meu país  
vi a serra de Petrópolis lá embaixo  
no descambado da imensidão  
com a manhã nascendo por cima  
e nimbos se escorrendo pelos cumes  
pela vegetação tão verdonha! vi velhos

casarões do tempo do Império  
e imaginei outras épocas com carruagens  
e belas damas da corte imperial  
e pensei em dom Pedro II e no respeito  
a admiração que ganhara pelo mundo  
pensei na princesa Isabel  
a mulher que desafiara o Brasil senhorial cruel  
e decretara a lei da mulher, a Lei Áurea  
e tive tanto orgulho de ser brasileiro como eles  
quando eu tinha 16 anos meu pai  
me levou em outra viagem  
testemunhei territórios distantes  
cortamos os sertões do meu país  
e pensei nos índios paiaíás nos cariris  
cruzamos as terras de Canudos  
vi as terras onde Antônio Conselheiro sonhou  
um outro mundo para este mundo  
que ele e seu povo construíram delicados  
sonhos com suas próprias mãos rudes  
depois chegamos ao litoral a Maceió  
e suas praias que eram espelhos do céu  
depois o Recife, de Manuel Bandeira  
e tudo isto aceso em mim era uma grande estrela  
ah quantos anos sem beber das fontes de águas  
límpidas de meu país, da água de cacimba  
gentil e doce como seus lábios líquidos  
terra dos Andradas, de Anita Garibaldi  
de Maria Quitéria e da princesa Leopoldina  
a austríaca que amou essa terra ainda menina!

meu país começa em minhas veias  
no cheiro silvestre dos charcos  
em suas paisagens seus arcos  
nos sapos tanoeiros coaxando  
nas gias gigantes nos tempos de chuva  
na lua cheia se derramando  
ouvindo um violão nas mãos  
de um negro humilde e nobre  
chorando pelas madrugadas antigas  
nos pirilampos como estrelas dançando  
iluminando o vale de uma paragem  
rural e perdida feito um rio de luz  
brilhando e correndo na noite  
o dialogismo dos periquitos verdes  
e das borboletas vermelho-escuras  
a utopia possível das araras-azuis  
ah, meu país! como eu te sabiá!  
como eu bem-te-vi tantas vezes!  
ah, quanto eu guardei desta terra em mim!  
meu país imerso em seus estuários e enseadas  
meu país verde como os olhos ver-  
des de minha amada!  
terra de Castro Alves, de Carlos Gomes  
de Mário de Andrade e Heitor Villa-Lobos  
e uma vez na Eslovênia íamos uns poetas  
com um amigo pela noite escura estrelada  
em um carro Peugeot azul cruzando a noite fria  
com casinhas eslavas charmosas à beira da estrada  
era uma estradinha de interior tão singela  
tão bela que eu chorava sem chorar  
e comecei a pensar em ti, oh meu país

e me senti menino como aquele menino  
puro que ainda fui, voltando pra casa  
com os mesmos olhos de quimera  
eu que menino me encontrei comigo  
por caminhos perdidos e esquecidos  
nas grandes veredas abissais dos sertões  
eu que nasci no Brasil profundo  
onde havia assombrações, visagens  
e gente que *invurtava*: homens que viravam  
coisas seres árvores nuvens pedras bichos  
eu que era rezado com ervas por tia Nalva  
em tempos de peste e de doenças  
e usava patuás iorubás no pescoço

meu país nasce de repente assim  
feito uma nascente funda do Ocidente  
jorrando incontinente em meu quintal  
em minha casa nos Estados Unidos  
e penso em tudo que deixei para trás  
e que no entanto ainda está comigo  
em algum lugar do mapa está meu país  
com seus falares aboios litanias e loas  
e lá mora meu povo que sabe sofrer e sorrir  
e tantas lembranças me assaltam nesta manhã  
em forma de figos e compotas de doces e pés de oitis  
e um dia numa noite na roça  
quando caminhávamos meu pai e eu  
entre duas voltas da estrada  
eu ouvi um caboclo dentro de sua choça  
cantarolando uma meiga cantilena  
dedilhando sua viola antiga tantas



melodias perdidas de tempos ancestrais  
oh, país perdido que não voltará jamais!  
e aqui estou eu, meu país, teu pássaro  
cantando pelas veredas do mundo afora  
procurando pelos caminhos de outrora  
cantando teus rios teu povo teu lábaro  
cantando com palavras, sou qual juriti  
e quando Hermes pôr em meu ombro sua mão  
vou zarpar como navio vou voar como avião  
sou como um canarinho com asa  
que conhece bem o caminho de casa!  
ah, quantos anos já se foram sem saber de ti  
e mal espero de novo a chance de retornar  
profundo e lírico como um passarinho feliz  
certo como a flecha de Peri  
para minha pátria, para meu ninho, onde nasci!

***Livros iluminam***

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2022.

---